



**REPRESENTAÇÃO FEMININA E PRECONCEITO NOS FILMES DE SUPER
HERÓI: ANÁLISE NOS CASOS DOS FILMES MULHER MARAVILHA,
CAPITÃ MARVEL E DOUTOR ESTRANHO NO MULTIVERSO DA
LOUCURA**

*REPRESENTACIÓN FEMENINA Y PREJUICIO EN PELÍCULAS DE
SUPERHÉROES: ANALIZA EN LOS CASOS DE LAS PELÍCULAS WONDER
WOMAN, CAPITANA MARVEL Y DOCTOR STRANGE EN EL MULTIVERSO DE LA
LOCURA*

*WOMEN'S REPRESENTATION AND PREJUDICE IN SUPERHERO MOVIES: CASE
ANALYSIS OF THE FILMS WONDER WOMAN, CAPTAIN MARVEL AND DOCTOR
STRANGE IN THE MULTIVERSE OF MADNESS*

CABREIRA JUNIOR, Nelson Luís Hernandez¹

BARROS, Fernando Selagem²

Resumo

O presente artigo tem como objetivo dialogar e trazer a reflexão sobre os recorrentes comentários reproduzidos principalmente em redes sociais acerca de filmes sobre super heroínas, que se tornaram mais frequentes nos últimos anos, mas que deixam uma pequena parcela da população masculina incomodada com a maneira que a nova onda de cinema vem representando personagens femininas estreladas em grandiosas produções cinematográficas voltadas para o mercado de quadrinhos. Neste trabalho, discutiremos acerca da representação feminina, do preconceito de gênero e sexualidade e cinema voltado para o mercado de quadrinhos, contando com a contribuição de autores que discorrem acerca destes temas e contribuem para uma análise mais rica dos últimos acontecimentos envolvendo heroínas no cinema e seus papéis como representação feminina no universo dos super-heróis.

Palavras-chave: Super-heroínas, preconceito, Marvel, DC;

Resumen

Este artículo pretende dialogar y reflexionar sobre los comentarios recurrentes reproducidos principalmente en las redes sociales sobre películas sobre superheroínas, que se han vuelto más frecuentes en los últimos años, pero que dejan a una pequeña porción de la población masculina incómoda con la forma en que la nueva ola del cine viene representando personajes femeninos protagonistas de grandiosas producciones

1: Mestrando em História pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande, RS, Brasil. Email: nelson.junior@furg.br

2: Mestrando em História pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande, RS, Brasil. Email: selagem3@gmail.com

cinematográficas dirigidas al mercado del cómic. En este trabajo, discutiremos sobre la representación femenina, los prejuicios de género y sexualidad y el cine dirigido al mercado del cómic, con la contribución de autores que discutan estos temas y contribuyan a un análisis más rico de los últimos acontecimientos que involucran a las heroínas en el cine y sus roles. como representación femenina en el universo de los superhéroes.

Palabras clave: Superheroínas, Prejuicio, Marvel, DC;

Abstract

This article aims to dialogue and reflect on the recurrent comments reproduced mainly on social networks on films about superheroines, which have become more frequent in recent years, but which leave a small portion of the male population uncomfortable with the way that the new wave of cinema has been representing female characters starring in grandiose cinematographic productions aimed at the comic book market. In this paper, we will discuss about female representation, gender and sexuality prejudice and cinema aimed at the comic book market, with the contribution of authors who discuss these themes and contribute to a richer analysis of the latest events involving heroines in cinema and their roles as female representation in the universe of superheroes.

Keywords: Superheroines, Prejudice, Marvel, DC;

INTRODUÇÃO

Os Super Heróis surgiram durante a grande depressão, em 1929, nos Estados Unidos da América. Sendo popularizados entre as décadas de 1930 e 1950 com as sagas voltadas para super heróis, ficou conhecida como a “era do ouro dos quadrinhos”. E além de costumeiramente representar através de suas histórias e ilustrações, os conflitos e debates de seu tempo, a representação das minorias dentro das histórias em quadrinhos vem sofrendo mudanças e ganhando grande espaço e até algum destaque nos dias atuais, mesmo que alguns leitores mais conservadores afirmem que não passa de uma estratégia para gerar lucros em cima de “lacrração”¹, devido as recentes ondas de militância em favor de uma maior representação nas mídias em geral. O que

¹ “Na internet, a gíria lacração (ou lacrar) pode ter diferentes significados. Originalmente era considerada um sinônimo de “arrasar” ou “mandar bem” (adotada principalmente pela comunidade LGBTQIA+). Com o passar do tempo, começou a ser usada para se referir a algo negativo, como uma forma de **crítica irônica** sobre quem promove um discurso extenso de defesa às minorias, por exemplo.” — Thaís Stein (Bacharel em Publicidade e Propaganda). <https://www.dicionariopopular.com/lacracao/>

constantemente alimenta debates acerca da maneira como alguns leitores querem ver suas características serem representadas em personagens e sagas famosas que surgem e expandem seus universos ano após ano.

Recentemente tivemos na internet duas grandes discussões acerca de personagens fictícios que ganharam grande notoriedade na mídia. Uma delas ocorreu em 2019 com o lançamento de Capitã Marvel, estrelado pela atriz Brie Larson, que sofreu inúmeras críticas pelos mais diversos motivos que incluíam seu corpo, seu passado como atriz e até mesmo o fato de existir um filme protagonizado inteiramente por uma heroína, que na ocasião, seria o primeiro longa metragem solo de uma heroína da história do universo cinematográfico da Marvel Comics, criando assim uma nova onda de filmes voltados para o público feminino, possibilitando, a absorção de um público muito mais diverso, levando em consideração que “a cultura pop cria novas formas de identificação atravessando fronteiras culturais tradicionais para reunir pessoas com um interesse em comum.” (VLACIC, 2021, pág. 32)

O resultado desta empreitada, inovador para o mercado cinematográfico do período, não podia terminar diferente e resultou em um grande sucesso. O filme intitulado, ‘Capitã Marvel’ (2019), se tornou uma das produções mais rentáveis da história do cinema e os *haters*² (que apostaram no fracasso total do filme) estavam errados, ficou comprovado que o público queria ver sim uma protagonista feminina ser forte, independente e real, sem a sexualização exagerada e anormal que estávamos acostumados a ver nos quadrinhos, principalmente no século passado, e que eram constantemente representadas nas telonas.

“Devido a esses motivos, se torna relevante estudar a representação de mulheres como protagonistas em espaços até pouco tempo considerados masculinos e como é construída a sua representação no cinema. Os filmes de super-herói, agora com diversas personagens mulheres como super-heroínas podem ser considerados também um reflexo de conquistas feministas.” (VLACIC, 2021, pag 21)

² *Hater* é um termo usado na internet para classificar pessoas que postam comentários de ódio ou crítica sem muito critério.

Evidenciando que o preconceito de gênero e de sexualidade caminham juntos mesmo quando se trata de histórias de super-heróis, pode-se destacar uma outra grande polemica recente, que gira em torno de um novo quadrinho que tem como protagonista o filho do Superman. Neste quadrinho o Superman está fora do planeta terra, e seu filho se torna o Superman oficial deste planeta para protegê-lo. O que pegou algumas pessoas de surpresa, e tornou-se o grande incomodo, não foi o fato do filho do Superman ser um adolescente e assumir tamanha responsabilidade em relação a segurança da humanidade, mas sim sua sexualidade, pois, na história de Tom Taylor, desenhada por John Timms, Jonathan "Jon" Kent, o filho de Clark Kent e Lois Lane que assumiu o posto de maior herói da terra (o manto do Superman), começa a se envolver romanticamente com um de seus amigos. Fora este pequeno detalhe, toda a trama segue nos mesmos moldes dos quadrinhos antigos do super-homem, onde os problemas são solucionados por uma grande demonstração de força, poder e bondade por parte do protagonista que não mede esforços para salvar a vida dos seres humanos e demais seres vivos, mantendo o número de vítimas o mínimo possível. Os profissionais que trabalharam nesta edição do HQ³ precisaram solicitar proteção policial, pois passaram a receber ameaças antes mesmo das revistas começarem a ser comercializadas.

Portanto, o machismo e o preconceito no mundo nerd, principalmente relacionado aos heróis em quadrinhos, não afeta somente o público feminino que gostaria de ter uma gama maior de histórias onde mulheres são bem representadas e protagonizadas, mas também homens e mulheres que querem ver uma diversidade maior de pessoas. Histórias em quadrinhos onde um homem branco, forte e com muito dinheiro faz o que pode no seu alcance para defender seus ideais já existem, e em diferentes versões. A modernidade exige mudança e a mudança esperada para os dias de hoje está na diversidade do ser humano e suas infinitas subjetividades.

O gênero dá significado às diferenças que são produzidas socialmente, e mediante o processo de construção do gênero, a sociedade lança mão de idéias sobre ser homem e ser mulher e o que é próprio de cada sexo. A sua simbolização cultural, além de macular os sexos, macula o social, o político e o religioso. Desse modo, percebe-se

³ HQ's – História em Quadrinhos.

que estes significados são introjetados nos indivíduos, ou seja, são valores impostos, e estas diferenças são construídas pela própria sociedade a partir dos valores assimilados através das novelas, músicas e filmes. Assim, essa experiência é vivida até mesmo antes do nascimento seja nas relações intrafamiliares, interpessoais, seja na escola, nas quais são reproduzidas de acordo com o que está posto culturalmente (ROCHA, 2000 apud MATOS E SANTANA 2011).

Se todas as coisas do mundo têm um algum ponto para relacionar com gênero e poder, o cinema nunca conseguirá ser diferente. O cinema, principalmente o dominante, que penetra nas casas das famílias mais facilmente, através de suas representações conservadoras, acaba por manter essas construções de gênero e sexualidade (que são muito antigas) e para além, realiza o apagamento da mulher como sujeito e como protagonista dentro das sociedades, como uma nuvem de poeira que esconde as, ainda poucas, conquistas femininas e promove apenas o ponto de vista masculino. O cinema hollywoodiano, ao representar heroínas com poderes quase ilimitados, mas ainda na função da “mulher mãe”, estaria de forma contraditória reproduzindo a realidade social por meio de uma representação baseada no imaginário patriarcal enquanto distorce a experiência feminina dessa realidade.

MULHERES NOS QUADRINHOS

Historicamente, sabemos que não era comum termos um protagonismo, nas mídias em geral, que saísse do padrão do homem branco e bem sucedido que faz o que bem entende por que simplesmente pode. Os excluídos da história não estiveram em evidência até os dias atuais, onde esta onda de mudanças, protagonizado pelas mídias digitais, vem trazendo uma maior diversidade de histórias a ser contada e, a partir disso, é claro que aquele antigo público que estava acostumado a se ver em toda e qualquer história nova que surgia, fica incomodado quando percebe que não faz mais parte, exclusivamente, deste público alvo das novas produções da era digital.

Quando retirados do centro destes movimentos, os antigos leitores assíduos de histórias em quadrinhos se sentiram ameaçados e passam a atacar estas novas produções, em suas redes sociais. Nos últimos anos vimos filmes que, antes mesmo de serem lançados,

foram totalmente desacreditados e criticados por essa parcela do público. Títulos como Mulher Maravilha (2017), Capitã Marvel (2019) e Doutor Estranho no Multiverso da Loucura (2022) sofreram os mais diversos ataques, seja pelo elenco, pelo protagonismo ou pela trama em si que foram taxadas como “lactração”, por se tratar de histórias onde o público alvo fugiria do comum e passaria a abraçar um número de pessoas muito maior, trabalhando temas, como por exemplo, mulheres no meio militar e que adquirem algum tipo de poder supermassivo (Capitã Marvel), a presença feminina na primeira guerra mundial (Mulher Maravilha), e uma bruxa destinada a se tornar o ser magico mais poderoso do universo lutando contra o mago mais poderoso do cinema da Marvel Comics atualmente, o derrotando (Doutor Estranho no Multiverso da Loucura), além é claro, da história de origem destes personagens e a maneira como se tornaram super heróis, adquirem ou desenvolvem seus poderes.

As heroínas tornaram-se febres no momento em que Mulher Maravilha, lançada pela DC Comics, apareceu como protagonista solo de sua própria história e desbancou diversas produções ao arrecadar mais de 800 milhões de dólares em ingressos vendidos mundialmente em 2017. Em 2019, com a história de uma piloto de combate que adquire poderes e descobre que estes são capazes de salvar a galáxia, Capitã Marvel, a primeira protagonista de filme solo feminino da Marvel Studios, tornou-se um marco ao conquistar uma das dez maiores bilheterias de todos os tempos na época, chegando à marca de 1,5 bilhão de dólares.



Brie Larson em cena como Capitã Marvel (2019)

Fonte: www.dnaindia.com/hollywood

A atriz israelense Gal Gadot também não escapou do tsunami de haters ao vestir o uniforme da guerreira amazona e aparecer nas telas cinematográficas. Foi alvo de ódio e duras críticas por conta de inúmeras ideias conspiratórias que haters preconceituosos e conservadores lançaram em suas redes sociais a respeito das novidades trazidas pela DC Comics, por bem, esses ataques não foram suficientes para evitar o sucesso do filme ‘Mulher-Maravilha’ (2017) que alcançou a marca de 822,3 milhões de dólares em bilheteria e ganhou alto destaque na comunidade cinematográfica. Em 2020 as telonas ganharam mais uma aparição da heroína, em ‘Mulher-Maravilha 1984’ (2020) que atingiu a marca de 169,6 milhões, que, devido às restrições impostas durante pandemia de COVID-19, teve exhibições restritas nos cinemas, sendo rapidamente disponibilizada em serviços de *streaming*.

A direção do filme Mulher-Maravilha e, no caso do Mulher-Maravilha 1984, a direção, roteiro e também produção executiva, foram, excelentemente executadas pela renomada diretora Patty Jenkins, que assumiu o papel depois que a diretora Michelle MacLaren deixou o projeto por diferenças criativas. O sucesso de representatividade feminina dos filmes também é uma realidade nas produções de ambos os filmes e nos mostra que mulheres estão ocupando mais espaços não só nas telas do cinema mas por traz de grandes produções também, em diversas áreas do mercado cinematográfico de super-heróis, principalmente no caso da DC Comics.



Gal Gadot em cena do filme Mulher-Maravilha 1984 (2020) Fonte: www.purebreak.com.br

A ideia central de filmes como os Mulher-Maravilha é trazer à tona uma visão evoluída do papel social da mulher, e com isso, até mesmo a visão dos meninos tem capacidade de ser alterada. O ímpeto dessa visão torna a saga das heroínas mais abrangente e comunicativa com as novas gerações avançando dentro do meio dos HQ's e do cinema, fora isso, esse fenômeno de representatividade também ajuda as meninas a acreditarem em seu próprio potencial enquanto mulher e enquanto sujeito civil que, assim como os homens, tem as possibilidades para a gestão de seu próprio futuro, abarcadas em um leque que beira o infinito.

“O cinema tem o seu papel em perpetrar ou romper com certos estereótipos. Quando falamos de representações femininas em filmes, ainda encontramos um imaginário específico de características sobre o ser mulher que muitas vezes não condizem com a realidade das mulheres e mesmo assim são tomados de forma generalizante.” (VLACIC, 2021, pag 36)

Durante décadas, o estereótipo masculino no mundo heroico dos quadrinhos e do cinema tem se perpetuado, porém, o protagonismo feminino de heroínas fortes e independentes, buscam em suas aparições quebrar esse estereótipo de gênero e criar um portal para a temática social, por conta do espaço que isso pode gerar e incentivar mais meninas a buscarem seus respectivos espaços dentro da nossa sociedade. Não existe uma criança que não nasça tendo a visão do homem como sendo superior à mulher, já que toda sociedade é enformada para ser desse jeito e a mídia patriarcal é sagaz ao ensiná-las a compreender o mundo dessa forma. Portanto, não é de se espantar que, as produções com protagonismo feminino no universo dos super heróis incomode os fãs mais conservadores, mas as críticas se mostram irrelevantes e os números das bilheterias das produções lançadas nos últimos anos são resposta mais do que suficiente contra estes ideais antiquados, machistas e preconceituosos mostrando que a nossa sociedade caminha para um mundo com mais diversidade, e que é abrangente e igualitário.

POR QUÊ ESSE PRECONCEITO?

As batalhas representadas nas histórias fantasiosas dos quadrinhos, mesmo que exageradas e grandiosas, com super poderes e ameaçadas interdimensionais, muitas vezes representam os dilemas presentes na nossa sociedade e as dificuldades reais que enfrentamos diariamente. Como estas histórias possuem as representações das crenças e opiniões das gerações que as criaram, fica implícito que quando uma postura de uma editora é criticada por um grupo de pessoas, é por que existe algo de errado em suas narrativas, e existe uma mudança na realidade dessa sociedade que os roteiristas não conseguiram acompanhar.

Neste sentido, temos o enorme exemplo da maneira como as heroínas eram representadas nos quadrinhos e na TV antigamente e agora. Dito isso, por que ainda existem pessoas que dizem preferir a maneira antiga de animação e não a contemporânea? Para RAMOS (2017), a origem deste repúdio às novas maneiras de representar as heroínas nos cinemas, remete ao que estes indivíduos esperam ver da sociedade atualmente, apensar dos avanços para igualdade, estas pessoas ainda esperam ver as mulheres como inferiores e sexualmente expostas, para que sirvam aos homens, assim como seria um comportamento imposto comumente antigamente.

“Os temas abordados nas narrativas de super-heróis — crime, guerra, injustiças sociais, terrorismo, manipulação técnica, científica e informativa, entre outros — os modos de agir e as armas, objetos e artefatos utilizados, os inimigos e a caracterização das suas ameaças (e seu potencial destrutivo) ou a própria indumentária dos heróis podem ser encarados como objeto de uma ação constante e perene de como se contemplar e visualizar o mundo, os valores morais, os diferentes comportamentos e posturas sociais e/ou corporais de membros da sociedade.” (RAMOS, 2017, P. 31)

Portando, na totalidade em que os quadrinhos podem representar as questões sociais que pairam sobre o momento em que estão sendo escritos, a maneira como o público recebe estas histórias e suas mudanças também reflete o que as pessoas pensam sobre determinadas questões mesmo que não estejam falando diretamente sobre elas. Quando um leitor assíduo de quadrinhos, que acompanha a saga de diversos heróis por várias

décadas, pensa que é ruim ou até errado que as mulheres deixem de ser extremamente sexualizadas nas HQ's, ele está refletindo o que ele pensa sobre as mulheres e como a imagem delas deve ou deveria ser dentro da realidade que o rodeia. É uma prática machista que está sendo explicitada nestas críticas para com a falta de sexualização de personagens que claramente continuam com suas trajetórias idênticas ou até melhores, pois receberam mais autenticidade em suas narrativas, mas ao deixar de servir ao imaginário sexual deste leitor, elas já não servem mais para o consumo desta pessoa em específico.

O que não reflete a realidade do resto das pessoas, pois as vendas de quadrinhos têm aumentado a cada dia e os filmes dos universos cinematográficos inspirados nestes quadrinhos está indo muito bem. Inclusive, a última HQ do filho do Superman onde o personagem se descobre bissexual, foi recorde de vendas e estimulou a reimpressão das edições anteriores que teve seu sucesso comemorado e críticas rebatidas pelo criador da série (G1, 2022).

Estas pessoas que insistem na manutenção de antigas maneiras de enxergar o mundo, sentem na pele o que é estar do outro lado, quando as mídias e as modas não são direcionadas para você. Um sentimento que mulheres, negros e LGBTQIA+ já conhecem a muito tempo. Para CHARTIER (1995), este tipo de sentimento de dominação mesmo que simbólica tem a ver com um sentimento de superioridade biológica que nunca existiu, mas que tem sua narrativa alimentada desde os primórdios da humanidade.

“Definir a submissão imposta às mulheres como uma violência simbólica ajuda a compreender como a relação de dominação, que é uma relação histórica, cultural e linguisticamente construída, é sempre afirmada como uma diferença de natureza, radical, irredutível, universal.” (CHARTIER, 1995, p. 42)

E neste sentido, nem mesmo personagens ficcionais de filmes de super herói deixam de sofrer ataques por uma parcela (felizmente) pequena de seus fãs. As reclamações que alimentam discussões incessantes nas redes sociais, tem como principal alvo as heroínas que de alguma forma usufruem de um protagonismo que muitas vezes está escancarado

no título de suas obras. Como exemplos, possuímos os filmes Capitã Marvel e Mulher Maravilha, respectivamente das empresas Marvel Comics e DC Comics, que tiveram suas estreias aclamadas tanto pela crítica quanto pelo público, mas que também tornaram-se alvos de ataques, pois o protagonismo nestas obras é exclusivamente para apresentar a origem destas personagens que conseqüentemente, tiveram que romper com padrões das sociedades em que estão representadas, e enfrentar modos e maneiras patriarcais para atingir seus objetivos e se tornar as heroínas em destaque que estavam destinadas a ser, e contemplar o panteão de serem parte dos heróis do sexo feminino mais fortes de suas respectivas equipes, Vingadores e Liga da Justiça. E neste sentido, é difícil para alguns meninos aceitar que mulheres com super poderes em filmes de heróis não nasceram para ter papel submisso e desinteressante. Elas sempre serão o centro e estarão à frente de suas equipes, e resta aceitar.

REPRESETAÇÃO DO FEMININO EM SUPER HERÓIS

Ao representar mulheres super poderosas no cinema, é comum nos depararmos com a dualidade no destino destas heroínas. Quando estas não precisam passar cima por questões morais para que consigam se reunir com suas famílias, as heroínas precisam “enlouquecer” para que justifiquem sua fúria ou ações mais radicais, e teremos sempre vastos exemplos dessa mesma temática onde heroínas fortes se tornam vilãs apenas por capricho de roteiro preguiçoso.

No filme estreado em 2022, Doutor Estranho no Multiverso da Loucura, América Chavez, a nova heroína apresentada no filme pela Marvel Comics, é interpretada pela atriz canadense Xochitl Gomez, nascida em 29 de abril de 2006 e que possui descendência mexicana por parte de seus pais.



Miss América Chavez nos quadrinhos. Fonte: <http://blog.gocollect.com>

Na origem da personagem nos quadrinhos, América foi criada por suas duas mães, Amalia e Elena Chavez, em um lugar chamado Paralelo Utópico, uma dimensão que existe à parte no espaço-tempo e é comandada por um ser chamado Demiurgo. Foi essa entidade que deu à garota seus poderes, como a força sobre-humana, velocidade, capacidade de voar e criar portais interdimensionais. Esta origem é mantida no Universo Cinematográfico, e América conta que se perdeu das suas mães, sem querer, no momento em que adquiriu seus dons, por conta da falta de controle sobre os mesmos.

Posteriormente, com a apresentação da vilã, a Feiticeira Escarlata, interpretada por Elizabeth Olsen, descobre-se que quem estava caçando a garota pelo multiverso era a própria bruxa com a intenção de roubar seu dom de viajar entre dimensões para, assim, reaver seus filhos perdidos durante a trama da série exclusiva do *streaming* Disney+, nomeada de WandaVision.



Reprodução do filme.

Ademais, a trama se desenrola com as tentativas da Feiticeira Escarlata de chegar até América enquanto ela, juntamente com o Dr. Estranho, foge pelo multiverso em busca de uma maneira de controlar os poderes da menina ou parar a feiticeira de uma vez por todas. Ao analisar o trabalho feito pela Marvel Comics neste filme, trazendo a primeira heroína que, embora em sua trama não seja uma personagem latina mas que faz referência fenotípica e de origem a cultura latino-americana, a América Chavez, acaba

por trazer muito simbolismo que acaba remetendo aos ícones da bandeira nacional dos Estados Unidos, como as cores vermelho e azul presentes na vestimenta da personagem e as estrelas que fazem parte de todo o figurino da mesma, além de ser a forma em que seus poderes de viagem interdimensional se materializam, em forma de uma estrela azul gigante e brilhante.

América Chavez é, com certeza, uma menina que foi obrigada a tornar-se uma mulher forte devido a perda de suas duas mães por uma total falta de controle de seus próprios dons, e isto traz uma bagagem sentimental que nos faz ter empatia para com a personagem e a sua busca por redenção, enquanto viaja pelos infinitos planos e realidades buscando reencontrar a sua família. Portanto, embora a trama do filme em si e a relação da heroína com o a vilã não sejam desenvolvidas da melhor maneira, ter um filme de super heróis onde os destaques da trama vão para duas mulheres que não são exatamente boas ou más, mas apenas estão em lados opostos em uma batalha para encontrar o equilíbrio de seus poderes que crescem desordenadamente e seus objetivos por reaverem seus familiares se tornam muito interessante.

Embora tenham tristemente entrado em conflito, as duas personagens, acabam por se tornar dois lados de um mesmo objetivo, que é reunir-se com seus familiares. E, neste caso de roteiro, acabam por estereotipar a relação do feminino com o núcleo familiar e reafirmam que mesmo tendo poderes inimagináveis, como no caso da Feiticeira Escarlata, poder mudar e moldar a realidade ao seu redor, criar e apagar seres apenas com seu pensamento, no final ela faz todo o possível e impossível para que se concretize o desejo de se reunir com seus filhos que, no caso da Wanda Maximoff, desta realidade, nem sequer existem. Enquanto a América Chavez, é uma bandeira dos Estados Unidos encarnada em uma pessoa, e vive por invadir fronteiras em busca, também, mais uma vez, da sua família.

Sendo assim, o filme Doutor Estranho no Multiverso da Loucura, ao mesmo tempo em que nos apresenta as personagens com o maior potencial de poder mágico de todo o universo Marvel, nos esfrega na cara mais uma vez o estereótipo de que a mulher fará qualquer coisa, até renunciar a poderes, a magia, a posições e tudo mais, apenas para

que possa estar reunida com os seus familiares ou ter sua própria família. Ou seja, acima de tudo, o que estes filmes fazem, trazendo esse sentimentalismo em torno da “vocação” feminina de se sacrificar pela família sempre gira em torno de renunciar de suas conquistas para ser uma boa mãe ou boa filha. Sempre se doando pelos outros e para conquistas de outros, o que não é frequentemente retratado da mesma maneira em super heróis masculinos tanto no universo cinematográfico do cinema da Marvel quando da DC Comics.

CONCLUSÃO

O preconceito está fora de moda e isto se reflete nas bilheterias de filmes protagonizados por mulheres e LGBTQIA+ onde estes não estão mais em cena apenas para auxiliar os heróis, para servir de enfeite em uma cena ou simplesmente morrer e servir de trampolim para a conclusão do herói. Estas heroínas são agora donas de suas histórias e não precisam de um “homem forte” para que as salvem.

“Se as mulheres em nossa sociedade ainda são vistas como “mães e esposas” e meninas como “princesas”, as representações no cinema continuarão a reproduzir esses papéis. A representação de mulheres e meninas dessa maneira se relaciona diretamente com os papéis sociais desenhados para mulheres em nossa sociedade.” (VLACIC, 2021, pág. 36)

Os movimentos para que as mulheres passem a ser representadas com narrativas coerentes, além de corpos reais e deixem de ser coadjuvantes das próprias histórias, demonstram que o espaço para a objetificação do corpo feminino e a submissão de personagens femininas em favor dos masculinos, é brega, é feio, não agrada mais e não tem nada a ver com “lacrção”, mas sim com as mudanças que as sociedades exigem na cultura pop contemporânea para que as mulheres sejam representadas como realmente são vistas por elas mesmas. E diferente do que afirmam os críticos das redes sociais, os filmes protagonizados por mulheres continuam vendendo muito em bilheterias e é o que o futuro aguarda para os gêneros de super herói e histórias em quadrinhos. Todos querem se ver representados nos heróis nas narrativas mirabolantes de fim do mundo com alienígenas e armas laser e isso não é opinião, mas sim um fato social.

Diferentemente dos quadrinhos do século passado, nos filmes as personagens femininas costumam ter uma caracterização mais interessante e coesa, mesmo que ainda longe do real de um traje pensado para ser utilizado em combate. Ainda assim, o traje, assim como a maneira da qual a Capitã Marvel se comporta dentro e fora das batalhas incomodou muito as pessoas que acharam que ela seria uma personagem feminilizada e reduzida a sentimentos e fraquezas em relação aos seus inimigos. Indo totalmente em contrapartida do que se costuma ver em filmes aonde heroínas são representadas sempre com uma certa inferioridade em força, inteligência e destaque em relação aos heróis nos mesmos trabalhos.

O fato de isso incomodar essa parcela da população, só mostra que esse é o caminho certo a percorrer nos dias atuais. A representatividade feminina não deve agradar aos homens que querem consumir personagens sexualizadas por motivos práticos nenhum envolvidos nas tramas e com closes desnecessários em posições desfavoráveis. Estas obras existem para que meninas se vejam como passíveis de serem fortes e dominantes, e que podem alcançar seus objetivos da maneira que for necessário, se usarem sua inteligência e força.

Mulheres fortes e independentes sempre incomodaram e sempre irão incomodar. Não é à toa que mulheres que se destacavam eram queimadas como bruxas a alguns séculos atrás e, nos filmes de heróis atuais, precisam renunciar seus poderes ou enlouquecer em prol de suas famílias. Mas agora o século XXI pede por mais essa mudança e mais rápido do que nunca. Portanto, todas as áreas da cultura precisam se adequar a essa nova demanda onde a sexualização feminina e a narrativa onde mulheres “enlouquecem” quando entram em contato com o poder, não deve mais ser um produto para agradar a homens com sua sexualidade construída de forma imatura e conservadora, e seus egos frágeis que precisam de mulheres submissas para que se sintam grandes homens, também se sentindo representados em filmes que são destinados também para jovens meninas.

Portanto, podemos ter a percepção de uma grande morfologia dentro do mundo dos quadrinhos, do mundo cinematográfico e também no mundo social que rodeia ambas as

partes, pois o grau evolutivo para com a igualdade de gênero dentro do mundo artístico finalmente parece estar começando a acontecer, porém ainda é pouco (para não dizer quase inexistente), e devemos ter isso em mente, pois sabemos e entendemos que existe um caminho muito longo e difícil a percorrer para alcançar essa igualdade, e de braços cruzados jamais chegaremos ao destino ideal, por conta disso, conversar e debater sobre essa temática é de suma importância, tanto para o mundo acadêmico, quanto para o futuro social das pessoas que representam e lutam pela temática de gênero que não é algo anormal, mas sim, mais normal do que muitos imaginam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Andreza de Oliveira. Gênero e História das Mulheres: diálogos conceituais. Disponível

em:<http://www.anpuhpb.org/anais_xiii_eeph/textos/ST%2009%20-%20Andreza%20de%20Oliveira%20Andrade.PDF> Acesso em janeiro de 2023.

BARBOSA, Marco Victor. Universo Heroico, 05 maio 2022. Disponível

em:<<https://universoheroico.com.br/conheca-america-chavez-de-doutor-estranho-2/>> Acessado em: janeiro de 2023;

COVEIRO, Sergio. Marvel 616. 16 de julho de 2022. Disponível

em:<<https://www.marvel616.com/2022/07/figurinista-detalha-o-visual-que.html>> Acessado em: janeiro de 2023.

G1. Edição em que Superman assume bissexualidade supera vendas da série e motiva reimpressão, diz DC. Disponível em:

(<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2021/10/21/edicao-em-que-superman-assume-bissexualidade-supera-vendas-da-serie-e-motiva-reimpressao-diz-dc.ghtml>). Acessado em: janeiro de 2023

GONÇALVES, Andréa Lisly. História das mulheres: Fontes, temas e abordagens. In: História e gênero. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, 55-104.

MATOS, Cândida Margarida Oliveira e SANTANA, Anabela Maurício de. GÊNERO E PODER: SÓ NÃO VÊ QUEM NÃO QUER. V Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade”, Universidade Tiradentes/SE, 2011

PERROT, Michelle, 1928. Os excluídos da história [recurso eletrônico]: operários, mulheres e prisioneiros / Michelle Perrot; seleção de textos e introdução Maria Stella Martins Bresciani; tradução Denise Bottman. – 1. Ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e História. In: Pedro, Joana; Grossi, Miriam (orgs.) - MASCULINO, FEMININO, PLURAL. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998. Disponível em: <http://www.nutead.org/gde/downloads/epistemologia_feminista.pdf> Acesso em janeiro de 2023

RAMOS, Rubem Borges Teixeira. Com grandes poderes, vêm grandes responsabilidades [manuscrito]: um estudo etnometodológico sobre o leitor e a leitura de histórias em quadrinhos de super-heróis da Marvel e da DC Comics / Rubem Borges Teixeira Ramos. – 2017.

SCOTT, Joan W. Os usos e abusos do gênero. Tradução: Ana Carolina E. C. Soares. Projeto História, São Paulo, n. 45, pp. 327-351, dez. 2012

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Revista Educação & Realidade. 20(2):71-99. jul./dez. 1995. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>> Acesso em 2023.

Vlacic, Marina. AS SUPER HEROINAS NO CINEMA: A TIPIFICAÇÃO DAS PERSONAGENS FEMININAS EM FILMES DA DÉCADA DE 2010 / Marina Vlacic – 2021

Wikipedia. Pagina sobre Patty Jenkins. Disponível em:< Patty Jenkins – Wikipédia, a enciclopédia livre (wikipedia.org)>